

# SERVIÇO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL NAS ESCOLAS DO DISTRITO CAMPO VELHO EM QUIXADÁ-CE: UMA ANÁLISE SOBRE A MEDIAÇÃO DA RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-ALUNO

Ana Beatriz Almeida Sampaio<sup>1</sup>; Eliane Clares Barbosa<sup>1</sup>; Luana Mara Pinheiro Almeida<sup>1</sup>; Cândida Maria Farias Câmara<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: biasampaioicrp@gmail.com; liaclares@hotmail.com; luana.mara\_almeida@hotmail.com.

<sup>2</sup>Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: candidacamara@unicatolicaquixada

## RESUMO

Com base nas atribuições da psicologia escolar e educacional, este estudo apresenta como objetivo analisar as contribuições da intervenção psicológica ao mediar as relações afetivas que são estabelecidas entre professores e alunos. Destaca-se que este trabalho faz parte de um estudo maior realizado através do Programa de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). Para a investigação, foi realizada uma pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores e estagiários de psicologia que estão inseridos nas escolas públicas do Distrito Educacional Campo Velho do município de Quixadá-CE, que recebem e ofertam o Serviço de Psicologia Educacional, respectivamente. Com a pesquisa, são levantadas questões pertinentes à prática do psicólogo escolar e corroborar para a produção de conhecimentos acerca de suas ações, principalmente no que diz respeito a sua inserção nas políticas públicas. A análise de conteúdo categorial foi utilizada para a organização e reflexão sobre resultados que confirmaram a implicação da prática do psicólogo como intermediário das relações afetivas professor-aluno. Os dados coletados foram distribuídos em três categorias: (a) A afetividade na relação professor-aluno do Distrito Educacional Campo Velho, (b) A afetividade no processo de ensino aprendizagem e (c) As práticas do Serviço de Psicologia e seu impacto na relação afetiva professor-aluno. Ademais, pode-se dizer que o estudo sobre a afetividade é de grande relevância para que se possa compreender como a mesma contribui com a aprendizagem e com o desenvolvimento humano. Dentro desse contexto, pode-se compreender a educação como uma prática social crítica das desigualdades sociais e da exclusão, que tem o poder de transformar a vida dos educandos a partir da conscientização da sua realidade e, também, do seu empoderamento frente a um contexto, muitas vezes vulnerável e adoeceador. Desse modo, acredita-se que o Serviço de Psicologia contribuiu para ampliação da visão acerca da relação afetividade-aprendizagem, o que sensibiliza e ao mesmo tempo fortifica as relações na comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Afetividade. Relação professor-aluno. Psicólogo educacional.

## INTRODUÇÃO

De acordo com o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), a palavra afetividade designa o conjunto de atos como bondade, proteção, apego, gratidão, podendo ser definida como a preocupação e o cuidado que uma pessoa tem por outra. Este fenômeno é essencial no contexto da sala de aula, pois entende-se que a base do desenvolvimento humano é afetiva.

É por meio da afetividade que os indivíduos se identificam e se relacionam com outros. Assim também afirma Codo (1999), quando pontua que é através da afetividade que discentes e professores podem criar vínculos que corroboram de forma positiva com o processo de ensino-aprendizagem. O professor ao demonstrar afeto com aluno e pelo seu aprendizado faz que o aluno se sinta cuidado e confiante. Nesse ponto é estabelecida a parceria entre esses dois atores que necessitam vincular-se para encontrar sentido e significado no fazer diário em sala de aula, sob pena de adoecer e desistir dos desafios impostos pela realidade.

No seio dessa discussão, reveste-se de um caráter questionador quanto as contribuições da psicologia sobre o assunto, sabendo que uma das responsabilidades dadas ao psicólogo educacional é justamente mediar e intervir nas relações entre aqueles que fazem a educação. De acordo com Almeida (1999), mesmo sabendo que o número de pesquisas relacionadas à afetividade na vida escolar tem crescido nas últimas décadas na área educacional, ainda são poucas na vertente psicológica a respeito dessa temática.

Durante muito tempo a atuação do psicólogo na escola baseou-se em um modelo médico onde, segundo Reger (1989, p. 13), “seu interesse gira em torno da saúde e da doença mental e do diagnóstico e cura de problemas de comportamento”. Entretanto, a psicologia como ciência nas discussões atuais, tem procurado desconstruir os limites de tal modelo que impedem que o psicólogo educacional haja de maneira crítica, de visão mais complexa, preventiva e socialmente questionadora (PATTO, 2007). Desde então, foram estudadas e difundidas inúmeras práticas que direcionam a Psicologia escolar no caminho da prevenção e promoção de saúde.

Nesse sentido, uma possibilidade de atuação do psicólogo escolar, abordada na pesquisa, é o seu papel mediador na relação professor-aluno, levando em consideração a afetividade presente na sala de aula. Segundo a teoria Walloniana, afetividade e aprendizagem estão intrinsecamente relacionadas. Na sala de aula podem-se perceber situações em que são expostos conflitos eu-outro que se tornam momentos de questionamentos e reflexões, o que pode auxiliar ou desgastar a relação professor/ aluno/ conhecimento (SARMENTO, 2010).

Frente a essas pontuações, pode-se perceber que os processos afetivos se tornam um possível instrumento de trabalho para o psicólogo, o qual expandiria a seu campo de atuação no contexto da sala de aula (GASPAR; COSTA, 2011). De acordo com Giuseppe Neto (2012), existe uma relevância entre a forma como os alunos são afetados pela matéria ou pelo professor e a vontade de aprender o que é lecionado, ou seja, se não se sentirem bem com o professor ou com a matéria não conseguirão construir raciocínios adequadamente para que os conteúdos sejam bem apreendidos.

Diante de tal afirmação e considerando que manter a qualidade da relação professor-aluno é, também, responsabilidade do psicólogo educacional, este estudo pretendeu investigar como o Serviço de Psicologia Educacional implantado nas escolas do distrito do Campo Velho da cidade de Quixadá-CE, tem mediado as formas de relacionamento afetivo entre professores e alunos. Destaca-se, ainda, que este trabalho é o recorte de uma pesquisa maior realizada através do Programa de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA).

## SERVIÇO DE PSICOLOGIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE QUIXADÁ

Cabe destacar que o serviço de psicologia ao qual este projeto faz menção refere-se a uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Quixadá juntamente com o Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA) e a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Este serviço foi implantado em setembro de 2017 e pensado no intuito de inserir a psicologia dentro do ambiente escolar, tendo em vista o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de métodos para lidar com as diversidades presentes nesse âmbito.

Seu objetivo é contribuir na perspectiva do desenvolvimento das competências socioemocionais, com habilidades que possam ser aprendidas pelo sujeito e referem-se basicamente a forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo (PORVIR, 2017), uma vez que é perceptível a relação que estas estabelecem com o aprendizado. Suas ações estão em vigor em sete escolas do Distrito Educacional Campo Velho e contam com uma equipe de 13 pessoas: a psicóloga da secretaria de educação de Quixadá, um professor supervisor da Unicatólica, um professor supervisor da FECLESC, cinco estagiários do curso de psicologia da Unicatólica e cinco estagiários dos cursos de licenciatura da FECLESC.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, não se tendo a pretensão de quantificar dados, mas sim, debatê-los. Ao se tratar de um assunto pouco investigado na literatura, sobretudo no que diz respeito ao âmbito científico caracteriza-se com pesquisa exploratória (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Como estudo de campo aplicado, a coleta dos dados foi feita no próprio local de atuação do serviço de psicologia educacional: as escolas, sendo feito também um estudo descritivo e explicativo, identificando as características das mediações feitas pelo psicólogo na relação professor-aluno que utilizem os processos afetivos como instrumento de atuação (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada nas sete escolas do Distrito Educacional Campo Velho, da rede pública de ensino da cidade de Quixadá, situada no interior do estado do Ceará. São três escolas de Educação Infantil, três de Ensino Fundamental I e uma de Ensino Fundamental II. A escolha por essas instituições se justifica pela presença do Serviço de Psicologia Educacional na perspectiva de intervenção para o desenvolvimento das

competências socioemocionais, implantado em setembro de 2017 pela Prefeitura Municipal de Quixadá juntamente com a Comissão Quixadaense de Psicologia Escolar.

A população da referente pesquisa foi composta por 21 professores das escolas supracitadas, escolhidos de forma aleatória, sendo 03 funcionários de cada uma das 07 escolas, e 05 estagiários do curso de Psicologia da Unicatólica que desenvolvem o Serviço de Psicologia. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: aceitar fazer parte da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); exercer a profissão de professor ou ser estagiário de psicologia na instituição no período do desenvolvimento do Serviço de Psicologia; e exclusão: apresentar algum tipo de inaptidão para fazer parte do estudo; não atender aos critérios de inclusão.

Para o alcance dos objetivos do estudo os dados foram coletados por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas (ver apêndice) com questões e itens pertinentes para se investigar o impacto das ações de psicologia nas relações afetivas entre professores e alunos. Uma segunda entrevista da mesma modalidade (ver apêndice) também foi desenvolvida e direcionada aos integrantes estagiários do Serviço de Psicologia, com a finalidade de atender aos objetivos específicos desse estudo.

Escolheu-se trabalhar com a entrevista semiestruturada por conta da sua flexibilidade que permite a inclusão de pontos que surjam durante a conversa e mereçam ser explorados (MANZINI, 2004).

Para analisar os dados utilizou-se da técnica de análise de conteúdo, a qual é composta por três etapas. Na primeira etapa ocorre o primeiro contato com os materiais coletados, no caso como serão feitas entrevistas as quais serão gravadas, nesse primeiro momento as entrevistas serão transcritas seguindo as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. Na segunda etapa os dados serão organizados por meio dos processos de codificação e categorização e por fim tem-se a terceira etapa chamada de tratamento dos dados – interpretação e inferência (BARDIN, 2011).

Uma vez que envolve seres humanos e levanta questões éticas, a pesquisa será executada somente após a sua submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA) e sua realização estará de acordo com o postulado pelas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos, segundo Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como já foi relatado, este estudo buscou compreender, por meio da percepção dos estagiários e professores entrevistados, de que maneira o serviço de psicologia educacional implantado nas escolas do distrito do Campo Velho da cidade de Quixadá-CE, mediou a forma como professores e alunos se relacionam afetivamente. Os resultados alcançados foram distribuídos em três categorias: (a) A afetividade na relação professor-aluno do Distrito Educacional Campo Velho, (b) A conexão entre afetividade no processo de ensino aprendizagem e (c) As práticas do Serviço de Psicologia e seu impacto na relação afetiva professor-aluno.

### **A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO DISTRITO EDUCACIONAL CAMPO VELHO**

Nesta categoria, realiza-se uma reflexão sobre a afetividade nas relações escolares entre os membros constituintes da escola, como este fator interfere na relação professor-aluno e quais resultados podem gerar para escola e para os sujeitos em seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Ao tratar da temática nas escolas do distrito educacional Campo Velho, o bairro apresentou-se como um local em situação de vulnerabilidade social. Presente nos discursos dos professores, a constituição da afetividade na escola está intimamente relacionada ao modo de organização da cultural local, há relatos de professoras sobre a localização da escola, sobre a realidade da comunidade a qual as crianças estão inseridas e do contexto familiar.

Socialmente, a escola é o local destinado à permanência da criança após os primeiros cuidados estabelecidos pela família, e por isso, é nela que a criança reproduz as vivências do lar e de seu contexto. A família é a primeira mediadora entre homem e cultura, portanto, constitui a dinâmica das relações nas esferas afetiva, social e cognitiva que estão presentes nas condições financeiras, históricas-sociais e culturais de determinado grupo (DESSEN; POLONIA, 2007).

É a fonte da aprendizagem com sentidos e práticas próprias que desenvolve diversos exemplos de relações e construções individuais e coletivas. Nesse caso, pode-se compreender que a relação afetiva professor-

aluno é reflexo da constituição dos laços afetivos estabelecidos ao longo da subjetivação da criança ou do adolescente, fruto de suas experiências históricas familiares e comunitárias.

Nesse sentido, sobre a questão do desenvolvimento da afetividade entre professor-aluno e como o serviço de psicologia interfere nesse processo, assinala-se algumas respostas:

*(...) aqui na escola principalmente, sabe? Muitas crianças vulneráveis, muitas crianças que vem de uma realidade dura, né? E que não tem de forma alguma é... esse carinho, esse amor em casa do pai da mãe e muitas vezes eles buscam na gente enquanto professor". (Professora 1)*

*(...) são crianças que tem uma bagagem muito grande, elas só precisam de limites. Precisam ser orientadas, mas eu às vezes sinto que aprendo mais com elas do que elas comigo, às vezes eu admiro porque chegam contando que a mãe fez isso, que o pai está preso, outro passou por alguma situação no final de semana, fico olhando assim para elas e digo: 'meu Deus, se eu estivesse no lugar dessas crianças eu não estaria hoje brincando com esse sorriso no rosto, pois não conseguiria'. Eu tiro o chapéu para elas, porque eles têm um histórico de vida muito sofrido. (Professora 4)*

Nas respostas, verifica-se a afetividade relacionada com a realidade vivenciada diariamente na localidade, presença de violência verbal e física, casos de crianças em situação de fome ou tristes por terem presenciado brigas e agressões físicas entre seus pais, bem como situações de morte de pessoas da comunidade. Nesse sentido, alguns recortes de frases das pessoas entrevistadas atestam que há uma profunda relação no que diz respeito a forma de desenvolver a afetividade num contexto educacional cercado de vulnerabilidades.

*(...)são meninos com 10, 8 anos, 15 anos... que viu o colega ser morto na porta de casa de forma mais bruta e brusca e abrupta possível. Então assim, são meninos que carregam toda uma carga emocional, psicológica, terrível. Meninos que perderam o pai, eu tenho alunos aqui que o pai morreu na garupa da moto da mãe, eles viram. Meninos que o pai morreu e caiu nos pés deles. Mães que foram assassinadas na frente deles pelos pais ou pelo pessoal da comunidade, enfim... (Professora 13)*

*(...)eu acho que eu até citei num encontro que teve aqui... de uma criança que... ela é muito problemática, e um dia a mãe chegou, uma experiência que eu não esqueço mais nunca. A mãe chegou e logo no corredor, ele não queria ficar na sala. Logo no corredor, ela foi dizendo assim: "olhe, seu, seu", como foi que ela disse com o menino? Esqueci... 'você vai ficar hoje, porque se você não ficar, eu vou te matar enforcado'. Meu Deus! Aquilo ali pra mim, sabe? Aí fui, cheguei junto da criança e ele dizia assim, olhava pra ela e dizia assim: 'sua vagabunda, você tá usando droga sua vagabunda! Eu vou dizer pro meu pai! Vou dizer pro meu pai sua vagabunda, vou falar pro meu pai, sua vagabunda!' E ela lá, louca.... Eu senti naquele momento que eu tinha que... chegar junto, mais com o menino, né? (Professora 15)*

Por meio da análise dos relatos em questão, pode-se concluir que a percepção da afetividade presente no contexto escolar, as relações entre professores e alunos são vividas em torno de situações de violência familiares. Do ponto de vista dos entrevistados, a afetividade passa a ser então um fator determinante para o desenvolvimento do vínculo com os alunos, como ressalta a professora "chegar junto, mais com o menino, né?". Os entrevistados destacam o cuidado como relevante dentro desta relação, que o uso de expressões de carinho, respeito e empatia fazem a diferença na práxis pedagógica.

Vale ressaltar que as professoras se sentem afetadas quando de alguma forma percebem que não são capazes de sozinhas transformarem as barreiras do dia a dia em pontes construtoras. Podemos notar isso, quando em algumas falas elas relatam que a presença das estagiárias não só ajudou, como favoreceu a um progresso considerável, quer seja pelo desenvolvimento de dinâmicas com as crianças, quer seja com a realização de oficinas com as professoras.

*(...) teve até umas atividades... Teve uma que foi, que eles falaram sobre os sentimentos dele. Daquela questão de aquilo que eles sentiam raiva, que eles sentiam amor... e aí assim, a gente vai descobrindo que tem criança que as vezes chega na sala tão irritada. E isso aí foi um belo trabalho porque assim a gente pôde ajudar outras crianças, porque tem crianças que não falam pra gente. Mas no momento de uma atividade de desenho que elas fizeram, aí eles falaram... você tem raiva de quê? Então eles foram contar tudinho. E aí depois a gente pôde ajudar eles. Porque eles tavam com aquela magoa, mas não conseguiam falar pra gente. E aí um desenho fez com que eles falassem e foi um belo trabalho. Eu gostei muito. (Professora 8)*

*(...) Então assim: na minha aula, por exemplo, que elas pediram pra conversar com os meninos... Fizemos uma roda de conversa sobre sexualidade. Nossa Senhora! Foi fantástico! Porque eles se abriram demais, não tinha fim... Foram duas aulas, duas horas de conversa e eles tinha tanta da pergunta, mas muita pergunta mesmo... Fizeram muita pergunta, ficaram curiosos, mas pela atenção, né? Alguém que tá ali e vai explicar pra eles sem brigar, sem impor, sem dizer que isso é errado, isso é feio, explicar aquilo cientificamente ou pedagogicamente. Então assim, pra eles foi muito bom e é muito produtivo, por que? Porque, é... esse trabalho na escola da psicologia é algo que a gente descobre coisas que eles não tem coragem de falar na aula normal, não tem coragem de chegar e falar, e muitos deles, chegam aqui pedindo socorro... (Professora 13)*

Percebe-se que a figura do professor, muito além da simples transmissão de informações implica-se numa relação de quem acompanha as situações de vida e de vínculo construído diariamente com os alunos. Kieckhoefel (2011) afirma que a constituição básica da relação entre aluno e professor deve ser estabelecida por meio do diálogo e do respeito mútuo para que ambos se desenvolvam dentro da relação e permitam realizar seus pontos de vista.

“A afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno. A segurança e confiança depositada no professor são fundamentais para a construção do processo de aprendizagem (PEREIRA; GONÇALVES, 2010, P. 13).”

## A CONEXÃO ENTRE A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao serem questionadas sobre a relação entre a afetividade e o processo de ensino-aprendizagem todas as entrevistadas, professoras e estagiárias, confirmaram haver uma ligação relevante entre esses dois fenômenos, de forma que ignorar tal conexão dentro do contexto educacional torna-se prejudicial à formação cognitiva e pessoal do discente. A seguinte fala pode ilustrar essa interdependência:

*Pra mim não há como separar o processo de aprendizagem da afetividade, o que acontece é que muitos educadores não percebem que não dá pra aprender algo que não me afeta diretamente que não tem significado pra mim. A relação com o professor é que vai ditar como vai ser a minha relação com determinado conteúdo afinal ele é o mediador. (sic) (Estagiária 1)*

Uma vez que a dimensão afetiva é inerente ao aprendizado do sujeito, facilita o seu desenvolvimento enquanto aprendente, não apenas garantindo a aquisição de conhecimentos necessários à sua aprovação ao final de cada ano escolar, mas formando-o para a vida (SARNOSKI, 2014).

*Aqui principalmente na escola pública e especial no Campo Velho, que é a minha realidade, é de fundamental importância. Porque a educação ela ainda é muito tradicional, ainda é muito de... de banco... bancária, como dizia o Paulo Freire, né? Não é nem minha área porque eu sou da história, mas é muito: eu aqui explicando e eles sentado na cadeira ouvindo. Mas a afetividade, ela vai ajudar muito porque eu, eu, particularmente e os demais colegas aqui, aqui a gente pratica demais. Faz círculo,*

*muda as posições da cadeira, já muda muito, é... Escuta a vida particular dele, pede pra que ele se abra... (sic) (Professora 15)*

A partir da fala desta professora pode-se inferir que a afetividade pode ser expressada, principalmente, por meio da diversificação das metodologias de aprendizagem, na disposição da sala de aula, na permissão para compartilhar sua história, enquanto o professor escuta e acolhe. Dessa forma, amplia-se a compreensão de aprendizagem, não comente no aspecto cognitivo, mas também afetivo.

Na percepção dos entrevistados, o Distrito Educacional Campo Velho, onde realizou-se a pesquisa, apresenta uma situação de vulnerabilidade social, na qual os seus moradores, especialmente as crianças, estão expostos à violência, ao preconceito, à marginalização da sociedade e, em parte dos casos, à carência de afeto dentro do próprio lar. Estas condições fazem com que as crianças e adolescentes encontrem no ambiente escolar um refúgio.

*E aqui eles chegam procuram mesmo que você reclame de alguma coisa eles lhe abraçam, então de certa forma você está passando para eles, e eles estão vendo que aquilo que eles não têm em casa eles buscam e sabem que aqui na escola tem. E eles vêm com aquela sede de buscar. (sic)(Professora 5)*

Conforme Salla (2011), benefícios podem ser trazidos à vida do indivíduo através da afetividade. Os resultados também demonstram que quando o docente compartilha afeto e acolhe seus alunos, ele possibilita a identificação e a compreensão dos fatores que afetam a aprendizagem dos discentes. Isto, por sua vez, facilita a definição de métodos e estratégias de ensino mais efetivas, humanizadas e integradoras. Desse modo, pode-se dizer que *“ajuda muito a afetividade do professor com o aluno. Ajuda na aprendizagem.” (sic) (Professora 9).*

As entrevistadas, ainda, mencionaram que *“(...) a gente vai muito assim pela conquista. Às vezes tem aluno rebelde, eu sempre evito o enfrentamento, eu procuro conquistar de alguma forma.” (sic) (Professora 3).* De acordo com elas, esse enfrentamento pode impor medo ou revolta nos discentes e, caso isso aconteça, é comum que se instaure um bloqueio nesses alunos, que dificulta seu relacionamento e o processo de ensino-aprendizagem. O pensamento de Wallon (1971) reforça esse fenômeno quando pontua sobre o contágio das emoções, ou seja, enquanto seres afetáveis é comum que o ser humano seja afetado pela emoção do outro.

Na percepção dos entrevistados, para não se tornar mecanizado, o processo de aprendizagem deve agregar os processos afetivos, considerado como tratar bem os discentes. *“É importante, né? Porque senão fica mecanizada a... o ensino e quando você trata bem as crianças elas passam a lhe tratar bem e você tem que... que ensinar isso pra eles” (sic)(Professora 19).* Como assinala Silva (2013), há a necessidade dos professores atuarem na mediação dos processos afetivos com seus alunos como um importante disparador para uma convivência que promova desenvolvimento e aprendizagem.

Considerando o exposto, quando o trabalho, no âmbito escolar, é desenvolvido a partir de um viés afetivo, mediado pelo respeito mútuo e pela consideração do outro, os seus resultados tendem a ser potencializados e a comunidade escolar é beneficiada. Pois, *“se o sujeito não está bem em sua dimensão afetiva e não é acolhido e compreendido em sua necessidade, ele pode ter todas as outras dimensões prejudicadas.” (sic)(Estagiária 2)*

## AS PRÁTICAS DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA E SEU IMPACTO NA RELAÇÃO AFETIVA PROFESSOR-ALUNO

No que diz respeito ao impacto das práticas do serviço de psicologia na relação entre os membros constituintes das escolas do distrito, nota-se que as professoras reconhecem a dificuldade de abranger com efetividade as várias demandas trazidas pelos alunos, visto que não são apenas demandas relacionadas ao campo cognitivo. Isto, por sua vez, ressalta a contribuição da psicologia voltada à dimensão afetiva e emocional envolvida nesse processo. Em suas respostas, se referem às estagiárias como um apoio para auxiliá-las na mediação de conflitos e até mesmo na desenvoltura em sala, é possível perceber isso nas seguintes falas:

*É... a gente nota que em alguns alunos estão mais maleáveis de lidar, porque na escola a gente lida com aluno de todo jeito e aqueles mais difíceis com a ajuda das meninas, com ajuda do trabalho da psicologia tá ficando melhor trabalhar, a gente consegue mais conversar com eles... (professora 1)*

*Na comunicação, no conversar, assim (a estagiária) é muito presente e posso dizer que a gente tem uma grande afinidade com ela, a vitória é uma coisa nova né? mas assim a (estagiária) é aquela pessoa que esse projeto trouxe pra cá pra escola, a pessoa certa na hora certa sabe? então assim a gente se agarra nela quando ela chega aqui em questão do conversar, ela tem esse cuidado de perguntar se está bem. (professora 2)*

*Ajudou. Porque assim, a gente sempre tenta tratar eles da melhor maneira possível, até nas formas de... já falei anteriormente, quando eles fazem uma coisa que não é legal que a gente vai falar sobre Deus e tudo... e assim, com as meninas a gente já mudou um pouquinho, já ajudou, porque a gente, as vezes quando a gente fazia uma coisa e dizia: ah, isso aqui não é legal! Então a gente já foi mudando a nossa estratégia. Sempre ajuda. É bom demais esse trabalho das meninas, tomara que fique até o final do ano, porque ajuda bastante. (professora 18)*

As intervenções da psicologia no âmbito educacional devem gerar um processo reflexivo acerca da realidade vivenciada pelos sujeitos envolvidos. Cabe, portanto, as práticas de psicologia, auxiliar no processo educacional, tanto na condição psicológica, quanto na cognitiva. “A comunicação entre o professor e aluno, bem como entre o psicólogo e o aprendente deve ser de forma a se caracterizar pelo modo de se colocar no lugar do outro. O aluno precisa ser entendido, sem avaliações, julgamentos e sem ensinamentos” (SANTOS; GONÇALVES, 2016, p.6).

No entanto, algumas professoras ressaltam que, pelo fato de ser executado há pouco tempo e considerando a realidade do distrito, o trabalho realizado ainda precisa ser aprimorado para abarcar as demandas trazidas pela escola. Algumas profissionais relatam que a relação com os alunos já vem sendo construída há muito tempo, anteriormente a implantação do serviço de psicologia, o que dificulta analisar as implicações do trabalho nesse âmbito. Acrescentam ainda, que o trabalho poderia ser intensificado, com maior carga horária, inclusive, que o serviço poderia investir em criatividade, mais dinâmicas e oficinas. Confere-se por meio de tais respostas:

*Porque começou agora, praticamente, né? Mas... Mas, com o tempo, vai começar a melhorar. Mas, eu achei pouco... Assim agora, né? Porque assim, a gente vê por cima as coisas, mas a realidade é outra... Mas já ajudou alguma coisa. Até porque, trabalha com a criatividade... (Professora 9)*

*Não mudou muita coisa. Porque a gente já traz uma bagagem, querendo ou não, né? Então, não mudou muita coisa, não. (Professora 12)*

*Olha, assim, o trabalho que tá sendo desenvolvido na escola, eu ainda não percebo, é... ainda não percebi, com toda sinceridade, assim... um... um grande avanço. Há muitos limites, né? As meninas estão vindo uma vez por semana, acho que é uma vez, duas... eu não vejo elas todo dia aqui. Mas assim, é bom, é, nas minhas salas eu, elas só foram... eu só recebi uma vez... né, mas elas já conversaram com a gente aqui... não é bom só pros alunos, mas pra nós professores, profissionais... (Professora 13)*

Por meio da análise das entrevistas, percebe-se que o serviço de psicologia não conseguiu abranger a expectativa dos professores, mas é creditado pelas professoras que enxergam uma esperança de que melhore a realidade local.

De acordo com Santos e Gonçalves (2016), as práticas da psicologia no âmbito educacional devem gerar um processo reflexivo acerca da realidade. Pois será a partir dessa reflexão que os envolvidos nessa dimensão entrarão realmente em contato com esse meio, sendo que isso possibilita que se tenha uma visualização mais ampla acerca dos processos subjetivos, por exemplo, que fazem parte da instituição.

O psicólogo educacional tem como uma de suas atribuições nessa área contribuir para que a comunidade escolar perceba aspectos que possam estar diretamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem, que passam despercebidos na maioria das vezes, como aspectos emocionais, estabelecimento de vínculos com professores e contexto social do aluno. Acredita-se que isso acontece porque, tradicionalmente, as instituições

escolares voltam à sua preocupação e dedicação apenas ao desenvolvimento cognitivo do aluno, olhando sempre para este (Id., 2016).

A psicologia, por sua vez, aliada a outras áreas que compõem a educação como, por exemplo, pedagogia e psicopedagogia, tem a pretensão de realizar um trabalho interdisciplinar que possa considerar o sujeito em todas às suas dimensões, com a finalidade de contribuir para o aprendizado do indivíduo enquanto aprendiz e enquanto ser humano. Contempla ainda em suas intervenções as necessidades e relações estabelecidas entre corpo docente e núcleo gestor que também exercem influência no processo de aprendizagem do aluno. Desse modo, a psicologia educacional tem um papel fundamental dentro das políticas públicas educacionais (VIANA, 2016).

## CONCLUSÃO

Por meio do estudo de algumas teorias relacionadas ao desenvolvimento cognitivo e afetivo, podemos identificar que de fato a psicologia tem influência direta na educação e que por meio dela, procura-se compreender e resolver algumas problemáticas existentes nesse contexto. Não limitamo-nos neste trabalho a entender os processos afetivos como fatores determinantes na aprendizagem, mas sim, como fator mediador no que tange as relações, a fim de favorecer para que o ambiente escolar seja um ambiente gerador de relações agradáveis.

Devido à prática da Psicologia Escolar ser pouco frequente, principalmente em escolas públicas, ainda existe uma visão clínica do psicólogo escolar que é predominante. Percebe-se isso nas falas das professoras quando estas demonstram insatisfação por não terem suas expectativas atendidas em relação ao projeto. Esperava-se uma postura clínica e por isso atuação crítica das estagiárias pode ser caracterizada como desafiante.

Tal entendimento do papel do psicólogo na escola pode ser considerado uma sequela do modelo médico de atuação no qual a principal responsabilidade da psicologia na escola era classificar os alunos de acordo com seus níveis de dificuldades e assim segregá-los (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

Perceber que as professoras acolheram as atividades do projeto e saber que houve um impacto gerado por essas ações é satisfatório, podendo ser destacada a importância da inserção da psicologia no ambiente escolar, que além de apoiar a escola como um todo, intervém com o objetivo de facilitar as relações e melhorar o meio onde estão inseridas. Destacando-se com isso o caráter mediador das intervenções que se manifestaram nos aspectos subjetivos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, pode-se concluir que a atuação do projeto de psicologia nas escolas procurou proporcionar para as professoras e crianças momentos nos quais elas pudessem expressar as suas emoções e afetos buscando destacar tais aspectos, que na maioria das vezes eram negligenciados. Essas situações serviram também para fortalecer o vínculo entre professor e aluno, realizando-se também a mediação de conflitos quando necessário.

Por meio da fundamentação de tais aspectos no decorrer do estudo, percebe-se também que a manifestação da afetividade nas relações entre professores e alunos concebe-se como um elemento indissociável no processo de construção do indivíduo, partido do pressuposto que as boas interações também favorecem o aprendizado.

Ressalta-se que as docentes e também os gestores das escolas reconhecem que seus alunos estão inseridos em um contexto de violência, seja no bairro, na rua e até mesmo dentro de casa. Acredita-se que o Serviço de Psicologia contribui para ampliação dessa visão, o que sensibiliza e ao mesmo tempo fortifica as relações na comunidade escolar.

Além disso, sabemos que todo ser humano necessita de afeto e que este, não se restringe apenas ao ambiente escolar, ela também se volta as relações familiares, um dos pontos mais abordados pelas professoras durante este estudo. Portanto, concebe-se que a afetividade é uma ferramenta extremamente facilitadora para o desenvolvimento de outros processos.

É necessário fazer então, uma releitura em relação as discussões a fim de que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados, fortalecendo o exercício da cidadania e do diálogo, para que assim as dificuldades possam ser superadas juntamente com a conquista da aquisição de novos conhecimentos.

Dentro desse contexto, pode-se compreender a educação como uma prática social crítica das desigualdades sociais e da exclusão, que tem o poder de transformar a vida dos educandos a partir da conscientização da sua realidade e, também, do seu empoderamento frente a um contexto, muitas vezes vulnerável e adocedor.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 2007. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/nafreitas/abbagnano-nicola-dicionrio-de-filosofia-15776809>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- ALMEIDA, A. **A emoção na sala de aula**. 6. Ed. São Paulo: Papirus, 1999.
- ANDRADA, E. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18(2), 196-199. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- ARAUJO, C; NEVES, M. Psicologia Escolar e o compromisso/responsabilidade social: uma experiência de Extensão Universitária. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, p.57-67, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/946/94626110/>>. Acesso em: 15 out. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 2012. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 31 de ago. de 2017.
- BRUNONETO, G. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. 2012. 29 f. TCC (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias\\_Biologicas/1o\\_2012/Biblioteca\\_TC\\_C\\_Lic/2012/1o\\_SEM.12/GIUSEPPE\\_BRUNO\\_NETO.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TC_C_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2017.
- CODO, W. (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <[http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/educacao\\_carinho\\_trabalho.pdf](http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/educacao_carinho_trabalho.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução: Laura Teixeira Motta.
- FERREIRA, A. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Disponível em: <[www.dicionariodoaurelio.com](http://www.dicionariodoaurelio.com)>. Acesso em: 09 maio 2016.
- GASPAR, F.; COSTA, T. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. In: **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**. Maringá, v. 15, n. 1, p. 121-129, jun. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572011000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 abr. 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 6. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2017.
- GOMES, C.; MELLO, S. Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da psicologia histórico-cultural. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 8, n. 2, p.677-694, jul. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p677>>. Acesso em: 11 maio 2016.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**. São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jun. 2016.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos**, 2, 2004. Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru. USC, 2004. CD-ROOM. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini\\_2004\\_entrevista\\_semi-estruturada.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf). Acesso em: 19 de ago. de 2017.

PATTO, Maria Helena Souza. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estud. av.**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 243-266, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142007000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300016&lng=en&nrm=iso)>. access on 30 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000300016>.PORVIR. **Especial Socioemocionais**. Disponível em: <http://porvir.org/especiais/socioemocionais/>. Acesso em: 19 de ago. de 2017.

REGER, R. Psicólogo escolar: educador ou clínico? In: M. H. Souza Patto (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.p.13. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/156003338/Introducao-a-psicologia-escolar-Maria-Helena-Souza-Patto>> Acesso em: 16 abr.2016

SALLA, F. **O Conceito de afetividade de Henri Wallon**: Henri Wallon inovou ao colocar a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento. 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conceito-afetividade-henri-wallon-645917.shtml?page=1>>. Acesso em: 13 maio 2016.

SANTOS, J. V. GONÇALVES, C. M. Psicologia educacional: importância do psicólogo na escola. **Psicologia.pt**. Amazônia, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

SANTOS, F.; RUBIO, J. **Afetividade: Abordagem no Desenvolvimento da Aprendizagem no Ensino Fundamental**: Uma Contribuição Teórica. 2012. Disponível em:<<http://www.facsoroque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Fabiani.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2016.

SARMENTO, N. **Afetividade e aprendizagem**. 2010. TCC (Graduação em Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/71877>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SILVA, N. **A Importância da Afetividade na relação professor-aluno**: uma pesquisa que discute a importância da afetividade na relação professor-aluno. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/m15151>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

VIANA, M. N. Interfaces entre a psicologia e a educação: reflexões sobre a atuação em psicologia escolar. In: VIANA, M. N.; FRANCISCHINI, R. (Orgs). **Psicologia Escolar**: que fazer é esse? Brasília: CFP, 2016.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança**. 6. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. Tradução de Pedro da Silva Dantas. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/220148348/Wallon-As-Origens-Do-Carater-Da-Crianca-crop>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

DESSEN, M. A. POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Família e Escola**, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

KIECKHOEFEL, J. C. **As relações afetivas entre professor e aluno.** X Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Ceará, Curitiba. 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202\\_2668.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202_2668.pdf). Acesso em: 28 jun. 2018.

PEREIRA, M. J. A. GONÇALVES, R. **Afetividade:** caminho para a aprendizagem. Revista Alcance. Rio de Janeiro, Ed. 01, 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/article/view/669>. Acesso em: 03 jul. 2018.

SARNOSKI, E. A. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem. **Revista de Educação do Ideau.** Uruguai, v. 9, n. 20, jul./dez., 2014.